

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV
N.º 683

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO
ANEXO

MALDADES DE UM RAPAZ BOM

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

O Tónio, o neto da velha Engrácia, era um verdadeiro demónio.

Fazia andar a cabeça à roda à pobre avó que lhe perdoava muita coisa, por saber que ele tinha um coração-

zinho bem formado.

Mas não deixava de passar maus bocados, por causa daquele mafarrico.

Ainda nessa manhã, logo ao acordar, o vizinho Tomé lhe batera à porta e, num vozeirão muito zangado, clamara:

— «Ó vizinha, veja lá se castiga esse atrevido do seu neto. Tanto gosto fazia nas minhas maçãs e hoje dei com elas todas no chão. Bem me parecia a mim que ontem o tinha visto a jogar pedras à macieira!»

Daí a um instante, a Micas padeira que passava na rua, gritou-lhe, de longe, indignada:

— «Ó tia Engrácia, aquele malvado do seu neto ferrou ontem tamanha sova no meu Chico, que o aleijou! Diga-lhe lá que, se o apanho, esborracho-o.»

Ela a desaparecer, logo surdiu, esbaforida, a comadre Luzia que, mal a viu, berrou, ameaçadora:

— «Venho por causa do maroto do Tónio. Do que havia de se lembrar, o desalmado?! Como sabe os cantos à casa, quando vocemecê lá o mandou pelo unto, atreveu-se a ir à tijela da marmelada e, vai, comeu-a toda! O que ele merecia, sei eu!»

Com os ouvidos cheios de tantas acusações, a velha Engrácia encheu-se de ânimo e sacudiu o Tónio, que dormia como um bemaventurado. Desfechou-lhe, à queima-roupa, não fôsse o rapaz deitar-lhe os braços ao pescoço, e, com a sua meiguice costumada, encher-lhe a cara de beijos:



— «Fóra daí, mandrião! Há que tempos é dia claro e o morgado na cama!» — e atirou-lhe com as calças e o colete.

Tonto de sono, o Tónio não sabia que pensar dos modos desabridos da avó.

Ocupada na lida da casa, ela voltara-lhe as costas.

O Tónio ia-se vestindo, cabisbaixo. Nisto, a velhota desatou a arengar: — «Tu és os meus peccados, rapaz! Para que deitaste abaixo as maçãs da macieira do Tomé?»

Numa voz ainda sonolenta, ele respondeu:

— «Ora, porquê, avó? Para arreliar aquele jarreta que não tem alma de dar aos pobres um reles fruto do seu pomar.»

A esta razão, a Engrácia calou-se. O que o Tónio dizia era verdade.

Na aldeia, todos conheciam bem a sovinice do vizinho Tomé.

Lá no seu intimo, a velhota até achou





graça à partida que o pequeno pregára ao avarento.

— «E para que deste uma tosa no Chico da Micas?» — indagou, outra vez, carrancuda.

— «Ah, isso foi ele que teve a culpa. — respondeu o pequeno, muito pronto. — Então, ele não me disse que eu tinha roubado na venda do Manel uma data de castanhas?! — Quando preciso de castanhas, vou buscá-las ao castanheiro do padrinho. Ele dá-me licença... Não é verdade, avó? Vai daí, o alma danada teimava na sua; vai eu cheguei-lhe e a valer! Para a outra vez escusa de inventar mentiras!»

A velha Engrácia concordou que o neto andara bem.

O Chico estava-se a fazer um tal mariola!

A própria mãe o dizia... mas, agora, em lugar de o castigar, ainda viera queixar-se!

— «Mas, anda cá, porque foste tu à marmelada da comadre Luzia?» — voltou ela, tornando a fazer uma carantona muito arrenegada.

Desta vez o Tónio ficou deveras atrapalhado.

Mas logo, ingenuamente, confessou, humilde:

— «O avó, há mais de que tempos eu andava atrás da comadrinha para que ela me desse um bocadinho... só um bocadinho da marmelada... Ela fazia que não ouvia...»

Já muito babada para o ladino do neto, a Engrácia não pondeu deixar de rir, ao ouvi-lo e perguntou:

— «Se tu querias só um bocadinho, porque lha comeste toda?»

— «Ah, isso foi sem querer! Era tão boa!...»

Quando julgou que estava no princípio, já tinha chegado ao fim!»

Ficou um instante pensativo; depois inquieto, admirado:

— «Como é que a avó soube tudo isso?...»

A velhota caiu em si.

Precisava castigar o neto, por muito que lhe custasse.

E, ríspida, sem o olhar para não perder a coragem, disse muito depressa:

— «Vieram todos aqui muito zangados. E hoje vais ficar todo o dia fechado em casa.»

— «Ó avó, não faça isso!» — lamuriou o pequeno, todo choroso.

Mas ela continuava: — «Só volto tarde. É o dia de ir coser a roupa da senhora professora. Ela vai ficar contente contigo! E' capaz de não te dar mais lições de leitura... Fica-te aí uma brôa e queijo. À noite trago-te a ceia.»

Sem mais querer ouvir os rogos do neto, saiu, fechando a porta à chave.

O Tónio ficou num desgosto profundo.

O que mais o maguava era ter ralado a avó e aquela idea de não aprender a ler.

Agora, que ele ia tão bem!... Até a professora dissera que, daí a dois meses, já podia ler os lindos contos de fadas que o padrinho lhe prometera.

Entre soluços, comeu um pedaço de brôa, mas nem vontade tinha; êle que era tão lambão!

Depois, estendeu-se outra vez, sobre a cama e adormeceu sempre chorando. O dia estivera de chuva.

Quando tornou a abrir os olhos, já a tarde vinha caindo e em cima do telhado ouvia-se uma restolhada estranha.

— «São os pardais, coitadinhos! Têm frio e talvez fome!»

Olhou para o resto da brôa que deixara sobre a mesa e o que fez?

Pegou nela, e veio para o quintalório que ficava do lado detrás da casa.

— «Chiu! Chiu! Chiu!...» — fez êle a chamar os pardalicos que já o conheciam por o ver ali a brincar.

Esfarelou a brôa no chão e logo, numa chilreada alegre, a pardalada voou para baixo.

A roda do pequeno, depenicavam as migalhas que êle ali espalhara.

Foi assim que a avó e a senhora professora, que a quizera acompanhar para ver como o Tónio se tinha portado, o encontraram.

O pequeno mais desanuveado do seu desgosto, ria para as avezinhas, dizendo:

— «Vocês é que não fazem queixas de mim á avó! Pudera, se eu lhes dou bela pitaça!»

Ao ver entrar a avó e a professora, o Tónio ficou, outra vez, muito embaçado, à espera do sermão que iria apanhar.

Mas a professora, como vinda com a cena a que assistia, disse-lhe:

— «Olha, Tónio, sei que a tua avó teve sérias razões para hoje te castigar. Mas tu, no fundo, tens tão bom coração!... Por isso, decidi continuar a dar-te lições.»

Nos livros aprenderás o que te é necessário para te tornares ainda melhor rapaz.

Agora, como já deste a ceia aos pardais, vem tu comer a tua... acudiu a avó, olhando, ternamente, para o neto.

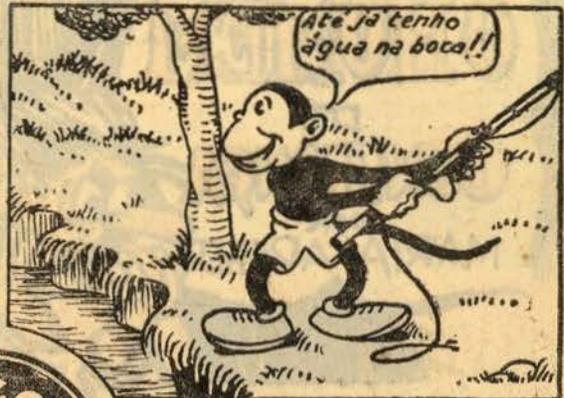
Aqui a senhora professora quiz que eu te trouxesse êstes pastelinhos tão bons e mais êste bocado de marmelada. O Tónio não queria crer em tanta felicidade.

Sentado á mesa, entre a avó e a professora, só dizia, muito contente, enquanto saboreava a marmelada:

— «Esta ainda é muito melhor que a da Comadre Luzia!»



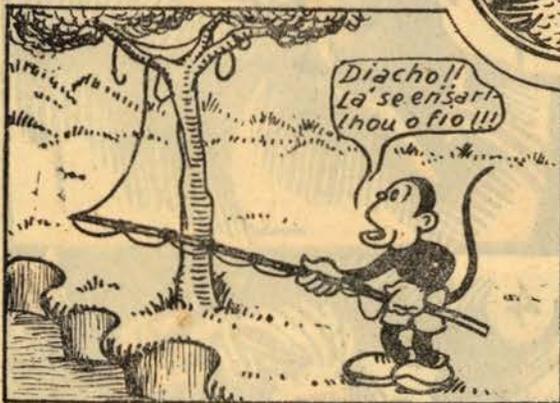
CHICO MACACO PESCADOR



I — Com sua cana de pesca, o nosso Macaco Chico, certa manhã, pela fresca, — tico... tico... tico... tico...



— Risonho, feliz, amável, chega à beirinha dum rio. E a-fim de pescar um sável, ei-lo a desdobrar o fio.

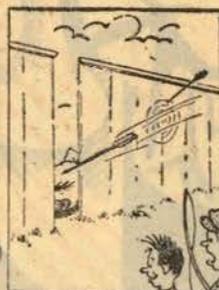


III — Mas, como é mui desastrado e não tem a mão ligeira, vê o fio ensarilhado na copa duma figueira.



IV — Então, ao vê-la entre os feixes das ramadas e tronquinhos, em lugar de pescar peixes, pôe-se à pesca de... figuinhos.

HISTORIA MUDA



VIAGEM A OS PLANETAS

Em virtude de «Papa-tudo» e «Passa-fome» nos haverem expedido do planeta Vénus um rádio com atrazo de dois dias, só no próximo número poderemos relatar as suas aventuras naquele planeta.

O HOMEM DE CONFIANÇA

POR
MARIA ARCHER

O Pinguinhas, o dono do cinema, arreperava-se todo.

Mais uma vez fôra roubado! Os gatunos tinham-lhe levado os rôlos das películas e as lâmpadas eléctricas. Por fim deixaram o cavalete e roubaram a máquina das projecções! Pinguinhas resolve chamar a polícia.

O polícia prendeu todos os empregados do cinema, tôdas as arrumadoras, todos os rapazes dos chocolates e dos esquimós, todos os engraixadores das vizinhanças, e tinha mesmo vontade de prender mais gente. As prisões trasbordavam...



Por fim, como não se descobriu o gatuno, começaram a prender os espectadores. E lá iam para os calabouços os meninos e as meninas, as senhoras e os senhores. Pinguinhas espreitava às grades da cadeia e continuava a arreperar os cabelos, sem descobrir o roubo ou o ladrão.



A polícia, ao cabo dum ano de esforços, não descobriu coisa alguma. E como os roubos continuavam, e os ladrões levavam do cinema até as cadeiras e os tapetes, Pinguinhas resolveu fazer polícia por conta própria.

Não, que ele dava em doido quando, ao abrir das portas, via o seu lindo cinema roubado!

Pôs um anúncio no «Século», pedindo um homem capaz de guardar o cinema durante a noite. Apresentou-se um sujeito com figura de bozeur e abonado por numerosas cartas de recomendação. Pinguinhas aceitou-o e deu-lhe uma pistola para se defender dos gatunos.

5



Acabada a sessão, fecharam-se as portas e o guarda lá ficou com a pistola na mão a vigiar tudo. Pinguinhas, antes de sair, já na porta da rua, fazia-lhe recomendações.

6



No dia seguinte Pinguinhas foi saber dos acontecimentos e com a esperança de encontrar no chão, amarrada, a numerosa quadrilha dos malfeteiros, Mas qual não foi o seu espanto ao verificar que o guarda desaparecera,

levando tudo o que se podia transportar, às costas! Não havia máquina de projecções, nem lâmpadas, nem dinheiro no cofre arrombado!

Mais uma vez fôra roubado!

Pinguinhas pediu dinheiro emprestado, arranjou outra máquina e substituiu as coisas roubadas. Nessa noite



resolveu ele ficar de guarda ao cinema.

No arsenal emprestaram-lhe metralhadoras, que ele ligou por fios eléctricos, deixando-as apontadas às portas.

Escondido num ponto estratégico, ele, só com dar volta a um botão, despejava as metralhadoras. Mas nenhum ladrão apareceu. Contudo...

9

Ao chegar a casa, na manhã seguinte, a mulher perguntou-lhe: — «Então a que festa foste?» Pinguinhas ficou assarapantado. E veio a saber que os gatunos tinham ido a casa d'ele, com uma carta falsificada, e apanhando o seu belo smoking, os seus lustrosos sapatos de polimento, a sua rica camisa de seda! De maneira que Pinguinhas desesperado, todo se arrepeia.

FIM



SOLUÇÃO DAS ADIVINHAS E ENIGMAS ANTERIORES:

Os três mascarados eram o «Pim», a «Pam» e o «Pum».
Os enigmas da página 3 significavam caracol e vazilha.
O enigma da página 6: guarda-chuva.

A N E D O T A S

Um salolo entra numa livraria e perguntou ao caixeiro:
— «E' aqui que se vendem livros?»
— «E' sim. Que obra deseja?»
— «Um livro de mortalhas para cigarrros.»

Anastácio comprou um cavalo e passa o tempo a mostrá-lo aos amigos. Pergunta um deles:
— «Não é medroso este animal?»
— «Isso sim! Há uma semana que fica sôzinho na cavalariça!»

TRAGÉDIA NUM PRESÉPIO

Por ISOLDINA

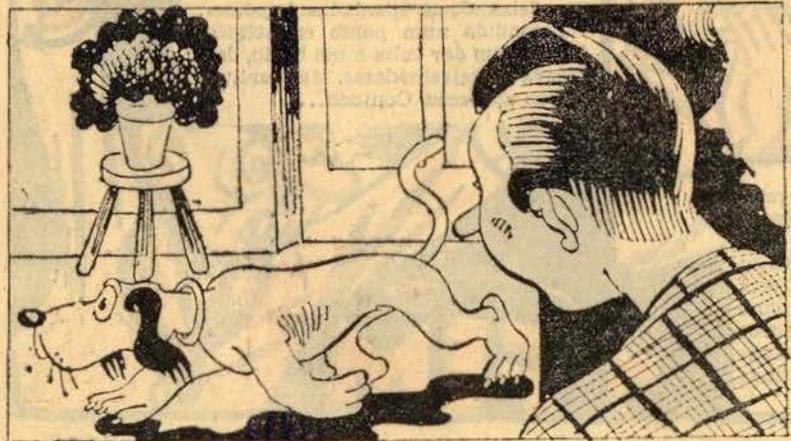
VOU contar-vos, meus meninos, uma história verdadeira. Foi pelo Natal. Sobre a grande mesa de carvalho escuro, entre musgos e tufos de verdura, sábiamente dispostos, descansava o Menino-Jesus sobre as tradicionais palhinhas, rodeado da Santa Família, mais a vaca e a burrinha. Em volta, em filas, os

camponeses, com suas oferendas, encaminham-se para o Deus-Menino. Mais adiante, uma vistosa filarmônica cujos componentes, de bochechas inchadas, sopravam nos seus instrumentos. Mais além, ao cimo, descendo a ladeira, os três reis magos, Gaspar, Belchior e Baltazar, imponentes nas suas montadas, ostentavam salpicos de pur-



purina em seus capacetes e nos arreios dos cavalos.
No dia em que a Dona Joana armara, com mãos pacientes e carinhosas, o Presépio para seus filhos, fôra para estes uma alegria louca. No dia seguinte, logo de manhãzinha, o Josésito (que até sonhara com êle) fôra contemplar

(Continua na página 8)



ADIVINHA - PROBLEMA A DIVINHA



S O L U
Ç A O

D O
N Ú M E
R O

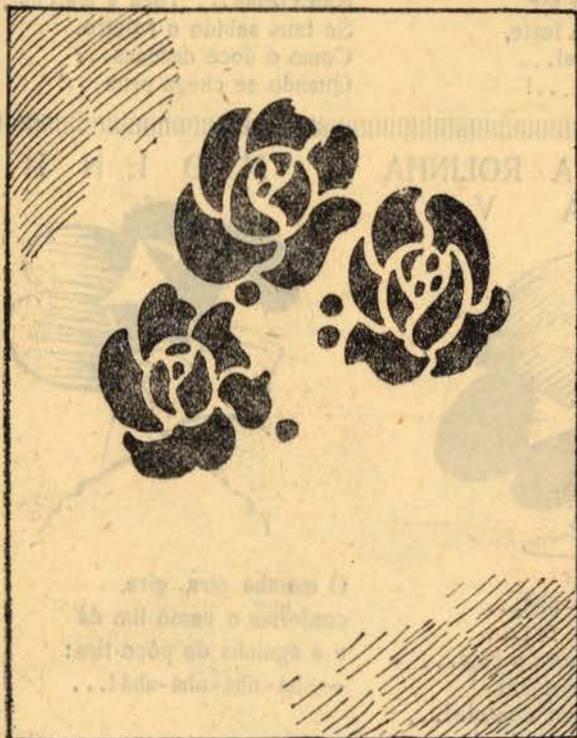
A N T E
R I O R



Era este pobre maltez o motivo da escamação do «Sultão.» Francamente, por isto, não valia a pena ficar tão zangado, não lhes parece?

Vejam os nossos amiguinhos se descobrem como se chama este cachorrinho?

ESTAMPILHAS



Sabem os meus amiguinhos a que se chama estampilha?

Vão, por certo, responder-me que são uns retângulozinhos de papel, também chamados selos.

Mas não. Estas estampilhas de que falo, são muito usadas na indústria da cerâmica; são diferentes.

Vou ensinar como se fazem.

Vós tendes um desenho, por exemplo o do esquema, e quereis reproduzi-lo.

Com a ponta dum canivete, bem afiado, abrem-se tódas as partes a reproduzir; neste caso os sitios prertos, e cada cór em seu papel, é claro.

Em seguida, com um pouco de estearina, enceram-se os papeis, ficando assim as estampilhas prontas.

Para as aplicar, colocam-se sobre o papel ou objecto cujo desenho se deseja reproduzir e, com um pincel humedecido na tinta, (mas quási séco) passa-se sobre a estampilha, sendo o desenho de várias córes, — (o de cima por exemplo)—aplica-se, em primeiro lugar as rosas a vermelho e, depois as fôlhas a verde. Está percebido?

TRAGEDIA NUM PRESÉPIO

(Continuado da página 6)

o lindo Presépio, mas, notando a falta de dois bonecos, ficou espantado.

Quem os teria tirado? Todos protestaram à uma: — «Eu não fui, eu não fui!» No dia seguinte faltavam mais, e, assim sucessivamente, todos os dias iam desaparecendo as figurinhas do Presépio.

O que os meninos não sabiam é que, lá, entre os pobres bonecos, reinava o terror. Viam desaparecer os seus companheiros, levados por um grande papão, do qual não se podiam defender, e esperavam, a todos o momento, a sua vez, tremendo como varas verdes. Por fim veio a Bêbê dar com os músicos e os camponeses todos caídos em grande confusão. — «Mas o que seria aquilo?» perguntavam uns aos outros. A mãezinha também andava intrigada. A Sali, apertando as mãositas nervosamente, exclamou: — «Coitadinhos, foi com medo que se aconchegaram uns aos outros!...» Depois, foram os reis encontrados caídos por terra e faltava um, o que era mais grave: — «O Belchior, mãezinha! Hoje roubaram o Belchior! exclamava o Josésito. E nas suas caritas tinham estampada a desolação mais completa. — «Oh! mas isto não pode ficar assim. Havemos de descobrir o ladrão e então terá o castigo que merece!»

Imediatamente traçaram um plano de acção. Todos ficariam de vela até se descobrir o mistério.

A noite, todos a postos, fazendo-se valentes, lutavam com o João Pestana, abrindo os olhos o mais que podiam. Eis senão quando, ouvem uns passos cautelosos e uma grande sombra precipita-se sobre aquela indefesa bonecada, fazendo ouvir um ruído de mandíbulas em trabalho de mastigação. Os petizes, aterrorizados, iam bater em retirada, quando a Dona Joana acendeu a luz. Das suas boquitas caiu um prolongado — «oh!!!» de admiração, enquanto a mãe, compreendendo a «tragédia», ria a bandeiras despregadas. O papão, era uma papona: — a Eoémia, a cadela, companheira dos brinquedos, que vinha, muito sorradeira, papar os bonecos.

Os bonecos — os meninos não sabem? — podem fazer-se com massa de modelação, (papel de jornal e farinha,) e fôra por esse processo que a Dona Joana arranjara um Presépio económico para os seus filhos. Pintou-os com vistosas tintas e purpurinas, não calculando que a marota da Eoémia lhes chamasse... um figo. Mas, no fim, teve o seu castigo: — esteve três dias recolhida na sua casota, com dores de barriga, por efeito das tintas do papel de jornal, que lhe ocasionou uma indigestão.

O mesmo teria acontecido a muitos meninos glutões que sobrecarregassem o estômago com petiscos demasiado pesados...

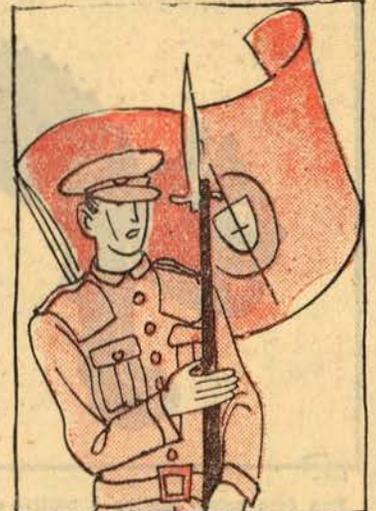
OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONGEITOS



Se virdes alguém que berra
E atíça os ódios humanos,
Podendo, evitai da gu...
Horrendos, terríveis d...!

Porém, se preciso fôr
Defender a Pátria forte,
Tende coragem, val...
Combatei até à m...!



Foi, quiçá, ocioso monge,
Quem disse a primeira vez:
«De vagar se vai ao l...»
Não te apresses portu...!

Não creias... Toca a marchar,
Se tens sabido o roteiro,
Como é doce descans...
Quando se chega prim...!

CANÇÃO DA ROLINHA O MOINHO B R A V A



— Uh — uh!...
— Rú — rú!...
Geme o vento, chora a rôla...
Que tristeza!
O dor que ninguém consola!...
O mágoa da Natureza!...

Sem alarido, sem bulha,
no pinhal a rôla arrulha:
— Rú — rú!...
E ao triste gemer do vento,
dos pinheiros cada agulha
só responde ao seu lamento:
— Uh — uh!... Uh — uh!...



O moinho gira, gira,
conforme o vento lhe dá
e a água do pço tira:
— uhá - uhá - uhá - uhá!...

O moinho gira, gira,
ao sabôr do catavento!
Vira e gira, gira e vira...
Dança nos braços do vento!

AUGUSTO DE SANTA-RITA